



Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
Educação a Distância da UFSM - EAD
Universidade Aberta do Brasil - UAB

Especialização em Tecnologias da Informação e da Comunicação
Aplicadas à Educação

PÓLO: Três de Maio

DISCIPLINA: Elaboração de Artigo Científico

PROFESSORA ORIENTADORA: Roseclea Duarte Medina

UTILIZAÇÃO DE OBJETO DE APRENDIZAGEM: RELATO DE
EXPERIÊNCIA DE ENSINO DE LEITURA E ESCRITA

TUZZIN, Maria Iraci Cardoso¹

RESUMO

Este artigo descreve a experiência de uso de um objeto de aprendizagem, disponibilizado num ambiente virtual, utilizado com o objetivo de aperfeiçoar competências de leitura e produção de texto para (re)direcionar ações pedagógicas que diminuam problemas expostos no Boletim de Resultados da Escola – SAERS – 2009, verificados na quinta série do Ensino Fundamental, em uma escola pública de educação básica no município de Panambi - RS. Investigou-se esta possibilidade tendo como base a Escala de Proficiência e a Matriz de Referência, nos domínios: estratégias de leitura e processamento de texto. O trabalho limitou-se a cinquenta por cento da turma. Como se trata de um processo em construção, as ponderações obtidas no ensaio são, unicamente, apresentadas.

PALAVRAS-CHAVE:

Leitura. Escrita. Objetos de Aprendizagem.

¹ Professora Especialista em Mídias na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande.
tuzzin.tuzzin@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Resultados insatisfatórios marcam a trajetória dos alunos da escola pública nos últimos tempos. O conhecimento do fracasso escolar provém da interpretação de dados coletados através de instrumentos de avaliação externa como o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), Prova Brasil, Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE). Para Coelho (2008) a ineficiência do sistema escolar, bem como as novas exigências de qualificação e formação, aliadas à reestruturação do Estado brasileiro são os alicerces das reformas de implantação das avaliações externas no Brasil.

Os indicadores, por sua vez, têm visibilidade e larga divulgação na imprensa nacional, transformando-se em índices aceitos pela sociedade como reveladores comparativos de qualidade da educação, pois os dados são publicados por estado, por rede e por escola, com o objetivo de aumentar a responsabilização da comunidade de pais, professores, dirigentes e da classe política, com o aprendizado (Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE - 2007).

Pelas informações da Secretaria de Educação do estado, o Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Rio Grande do Sul (SAERS) iniciou no ano de 2007, teve continuidade em 2008, 2009 e destina-se a avaliar a qualidade da educação básica oferecida nas escolas gaúchas. A principal finalidade da aplicação destas provas é, com base nos resultados, formular políticas públicas e estratégias com vista ao estabelecimento de padrões de qualidade para a educação, no estado. Atinge alunos do Ensino Fundamental e Médio, nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, em termos de domínio de habilidades e competências cognitivas básicas.

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho é de repensar a prática, construir ações, metas e intervenções pedagógicas para elevar o desempenho dos alunos. Para atingir este objetivo, pesquisou-se uma escola inserida neste contexto, que recebe os dados do SAERS e, partir de então, os mesmos se transformam no foco da equipe gestora e professores.

Por conseguinte, o desafio que se apresenta à pesquisadora propõe responder à pergunta: ensinar leitura e escrita a partir do uso de um objeto de

aprendizagem pode aperfeiçoar competências que minimizem problemas expostos no Boletim de Resultados da Escola – SAERS – 2009, na quinta série do Ensino Fundamental, em Língua Portuguesa?

Para se chegar a possíveis respostas utilizou-se pesquisa de caráter qualitativo, com observação direta, de cinquenta por cento de uma turma de alunos de quinta série do Ensino Fundamental de uma escola da rede estadual, situada na região noroeste do Rio Grande do Sul. A metodologia de análise dos dados é a Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (1997 p. 31) que considera, entre outras variáveis, “[...] analisar as condições que induziram ou produziram a mensagem [...]” A melhoria de leitura e escrita deve apontar para o padrão de desempenho adequado, meta estabelecida pela escola.

Os alunos que apresentam o padrão de desempenho **adequado** demonstram ter ampliado suas habilidades de leitura tanto no que diz respeito à quantidade tanto no que se refere à complexidade dessas habilidades, as quais exigem um maior refinamento dos processos cognitivos nelas envolvidos. Além das habilidades apresentadas no padrão de desempenho anterior, esses alunos, por exemplo, estabelecem relações entre partes de um texto e começam a estabelecer relações entre textos de uma mesma temática. (Boletim de Resultados da Escola - SAERS. Vol. III. 2009 p.39)

LEITURA E ESCRITA

Um dos mais extensos dicionários da Língua Portuguesa, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, na versão brasileira não virtual, apresenta a leitura como o “Ato de decifrar signos gráficos que traduzem a linguagem oral, ação de tomar conhecimento do conteúdo de um texto escrito para se distrair ou se informar, maneira de compreender, de interpretar um texto, uma mensagem, um acontecimento, ato de decifrar qualquer notação” Porém, o sentido dicionarizado do termo conceitua parcialmente o vocábulo.

Para compreender o significado de leitura pode-se recorrer a Coracini (1995) que expõe duas concepções clássicas para leitura: leitura como decodificação (descoberta do sentido) e leitura como interação (construção do sentido). Na perspectiva da decodificação, o sentido do texto fixa-se às palavras e na segunda concepção, o autor seria o responsável por deixar marcas para serem seguidas pelo leitor em busca da compreensão do texto.

Assim, conforme a estudiosa, na prática escolar predomina a leitura como decodificação, isto é, há uma única leitura correta e possível do texto. Avançando um pouco mais na busca da compreensão da concepção pedagógica de leitura, cita-se um fragmento do Referencial Curricular Lições do Rio Grande (2009 p. 39) o qual enfatiza a leitura como decodificação remetendo às ideias da autora citada, ou seja, ler é “[...] atribuir sentidos possíveis ao texto, o leitor precisa, simultaneamente, decodificá-lo, participar dele, usá-lo e analisá-lo”.

A leitura é parte constituinte importante da linguagem. Utilizar a linguagem para estabelecer relações de aprendizagem, de convivência, de construção e reconstrução do saber, é entrar em sintonia com Mikhail Bakhtin (2003) que afirma ser a linguagem uma forma de interação social, isto é, a língua é um mecanismo flexível, dinâmico, sócio-histórico. Diferentemente de pensar a língua como um conjunto de regras fixas e imutáveis no tempo e no espaço, à disposição do indivíduo, a linguagem é – ainda segundo Bakhtin (2003) – como uma “ponte lançada entre duas ou mais pessoas”.

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo, o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal. (BAKHTIN, 2003, p. 348)

Marcuschi (2002, apud WERLICH 1973)², reconhece as sequências textuais como traços linguísticos específicos de textos e propõe a seguinte classificação das sequências: narrativas – predomínio das relações de temporalidade; descritivas – predomínio das relações de localização; expositivas – predomínio das relações analíticas ou explicativas; argumentativas – predomínio das relações contrastivas explícitas; injuntivas – predomínio das relações imperativas. Alguns linguistas também postulam as sequências textuais dialogais – com predomínio de trocas de enunciados.

Os gêneros discursivos são, portanto, tipos relativamente estáveis de textos que são produzidos em um determinado domínio ou esfera discursiva.

² Disponível em: < www.ufpe.br/nehete/hipertexto2009 > Acesso: 22 de Ago 2010.

Na sociedade contemporânea, grafocêntrica e tecnológica, temos uma infinidade de domínios discursivos, dentre eles o escolar.

No âmbito da educação básica, são produzidos inúmeros conjuntos de gêneros discursivos. Alguns desses gêneros são lidos e escritos por alunos da quinta série do Ensino Fundamental: resumos, poemas, relatórios de leitura, notícias, histórias em quadrinhos, fábulas, entre outros. A leitura e produção destes textos, de diferentes domínios discursivos é objeto da aula de Língua Portuguesa que na concepção da mantenedora da escola pública inicia com

[...] a prática uso-reflexão-uso, já que, em relação a qualquer conteúdo, o ponto de partida é o que os alunos já fazem e sabem, para, então, passarem à reflexão e à ampliação dos seus repertórios e, por fim, desafiar a novas práticas. (Referencial Curricular “Lições do Rio Grande” p. 46).

A leitura e a escrita são, portanto, atividades mentais complexas, compostas por múltiplos processos interdependentes, porém, indispensáveis ao domínio da própria língua. Fundamentais, também, para organizar cognitivamente a realidade, exercer a cidadania e comunicar-se com os outros. “Além disso, a competência de leitura e escrita é condição para o domínio de outras linguagens que precisam da língua materna como suporte – literatura, teatro, entre outras”. (Referencial Curricular “Lições do Rio Grande p. 39).

SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO RENDIMENTO ESCOLAR DO RIO GRANDE DO SUL – SAERS

A avaliação externa busca aferir o desempenho dos alunos em determinados momentos da escolarização. Testes de proficiência e questionários contextuais são aplicados com a finalidade de elaboração de um diagnóstico do sistema de ensino para uma possível, intervenção visando melhoria da qualidade da educação.

Este tipo de avaliação recolhe indicadores comparativos de desempenho que servem de base para futuras tomadas de decisões no âmbito escolar e nas diferentes esferas do sistema educacional. Penin (2009, p. 23-24) reforça a importância da avaliação externa para refletir sobre a prática educativa e a veiculação dos resultados para todos

[...] no âmbito interno, possibilita a avaliação como instrumento de ação formativa, levando instituições e os professores a refletirem a respeito de suas práticas e de seus objetivos e, assim, a melhorar sua ação docente e sua identidade profissional. Por outro, em âmbito externo, oferece informações para que tanto os pais quanto a sociedade, especialmente os sistemas de ensino, possam efetivar um relacionamento produtivo com a instituição escolar. Apurar os usos da avaliação, comparar resultados e comportamento de entrada dos alunos em cada situação e contexto social e institucional é da maior importância para não homogeneizar processos que são de fato diferentes. Penin (2009, p. 23-24).

A realização de avaliações sistemáticas do sistema de ensino do Estado do Rio Grande do Sul está garantida na lei 10.576/95, que dispõe sobre a Gestão Democrática do Ensino Público do Rio Grande do Sul, que estabelece no Capítulo III, artigos 78, 79 e 80, a realização de uma avaliação anual em todos os estabelecimentos da rede pública, por meio de um Sistema de Avaliação da Escola, coordenada e executada pela Secretaria da Educação do Estado, com a meta de analisar o desempenho de todo o Sistema Educacional, gerando informações que subsidiem decisões sobre o processo de ensinar e de aprender.

Para qualificar o processo de ensinar e de aprender e redimensionar as políticas públicas em Educação, em 30 de novembro de 2007, através do Decreto nº 45.300, o Governo do Estado do Rio Grande do Sul instituiu o Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Rio Grande do Sul.

A Secretaria Estadual de Educação fez a coordenação, em parceria com a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME/RS) e com o Sindicato dos Estabelecimentos do Ensino Privado do Rio Grande do Sul (SINEPE/RS), visando avaliar, de forma objetiva e sistemática, a qualidade da educação básica oferecida nas escolas gaúchas, para formular, com base nos seus resultados, políticas públicas, estratégias e ações, com vista ao estabelecimento de padrões de qualidade para a educação no Estado.

As escolas da rede pública estadual, urbanas e rurais, participam do SAERS independente do número de alunos, além de escolas municipais e particulares cujas mantenedoras a eles aderiram.

Mediante a aplicação de testes, são diagnosticadas as habilidades cognitivas desenvolvidas pelos alunos da 2ª série/3º ano e 5ª série/6º ano do Ensino Fundamental e do 1º ano do Ensino Médio, nas áreas de Língua

Portuguesa e Matemática, entendidos como momentos decisivos no percurso escolar dos alunos, de forma a permitir a intervenção pedagógica para a correção dos problemas de aprendizagem detectados pelo processo de avaliação.

No mesmo período, são aplicados questionários a alunos, professores e diretores ou supervisores das unidades escolares com o objetivo de identificar fatores externos e internos às escolas que influenciam nos resultados de aprendizagem dos alunos.

As proficiências dos alunos são apresentadas às escolas, não somente através de médias, mas também por meio de porcentagens de alunos em cada um dos quatro níveis de desempenho: Abaixo do Básico – os alunos que se encontram nesse nível apresentam um conhecimento rudimentar e superficial, abaixo de valores compatíveis com o uso rotineiro da competência. Básico – os alunos que se encontram nesse nível apresentam um conhecimento parcial e restrito revelando que desenvolveram parcialmente as competências esperadas para a série/ano na qual se encontram. Adequado – nível que sintetiza a qualidade do aprendizado que se pretende. Os alunos que se encontram nesse nível demonstram sólido conhecimento e desenvolvimento das habilidades esperadas para seu estágio escolar. Avançado – alunos desse nível ultrapassaram o aprendizado esperado, dominando completamente suas competências e ainda são capazes de solucionar questões que envolvem temas complexos.

A escola, representada pela equipe gestora, recebe o Boletim de Resultados do SAERS que os apresenta aos professores a fim de promover a discussão desses resultados, possibilitando a todos conhecer o desempenho da escola, identificando as habilidades fundamentais que foram e as que ainda não foram adequadamente desenvolvidas pelos alunos.

NOÇÃO DE OBJETO DE APRENDIZAGEM

Inúmeras pesquisas e trabalhos relatam o uso de tecnologias ou objetos educacionais para atender questões que envolvem ensino e aprendizagem.

O uso desta tecnologia, nas escolas, abre um leque para diversas formas de se obter e transmitir informações e produzir conhecimento escolar.

Nesse sentido, Pivec (2007) enfatiza que computadores podem ser utilizados como uma ferramenta para aprendizagem, e que Objetos de Aprendizagem são materiais potencialmente expressivos e promotores de aprendizagem significativa. Para Wiley (2000) Objetos de Aprendizagem são “quaisquer recursos digitais que possam ser utilizados/reutilizados para o suporte ao ensino”. Monteiro *et al* (2006) enfocam a teoria da aprendizagem significativa como suporte teórico para relatar um estudo de caso com uso de um objeto de aprendizagem exemplificando a funcionalidade da ferramenta pedagógica.

Segundo Longmire (2001) um Objeto de Aprendizagem apresenta características como **flexibilidade**, **customização** significando que, como os objetos são independentes, o uso em qualquer das diversas áreas e objetivos é possível, **interoperabilidade** é a reutilização dos objetos em plataformas e ambientes em qualquer espaço mundial, **aumento de valor de um conhecimento** a partir do momento em que um objeto é reutilizado diversas vezes em diversas especializações, ao longo do tempo ele melhora e a sua consolidação cresce de maneira espontânea, **indexação e procura** a padronização dos objetos facilita a procura por um objeto quando necessário.

Várias experiências de utilização de Objetos de Aprendizagem nas atividades pedagógicas de Língua Portuguesa são realizadas, neste sentido é possível destacar Barbosa *et al.* (2008) que enfatizam a aprendizagem significativa em um contexto mediado pelas Tecnologias da Informação e Comunicação. Alves *et al.* (2006) descrevem o aprendizado da escrita mediante a construção textual com produção de sentidos no espaço da sala de aula pela utilização do Objeto de Aprendizagem ‘Cartola’.

METODOLOGIA

Metodologia consiste no “[...] conjunto de etapas e processos a serem vencidos ordenadamente na investigação dos fatos ou na procura da verdade” (RUIZ 1985 p. 131).

Neste estudo, de opção qualitativa, Bodgan e Biklen, apud Lüdke e André (2003), definem cinco características principais deste tipo de investigação: a) a pesquisa qualitativa tem o contexto como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento, de modo que o pesquisador deve perceber as circunstâncias particulares em que um

determinado objeto se insere; b) os dados coletados são predominantemente descritivos, ou seja, o material deve ser rico em descrição de situações; c) a preocupação com o processo é muito maior do que com os resultados, pois o pesquisador procura ver como o problema se manifesta nas atividades; d) a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo, porquanto o pesquisador não tenta confirmar hipóteses, pois as abstrações se confirmam a partir do exame dos dados; e) o significado que as pessoas apresentam das situações é vital nesta abordagem, de forma que o pesquisador tenta capturar a perspectiva dos participantes.

Estas ideias embasam o intuito de, a partir da análise de conteúdo do instrumento utilizado para a coleta de dados, um questionário, que de acordo com a metodologia proposta por Lakatos e Marconi (2001), constitui-se de uma série ordenada de perguntas a serem respondidas por escrito e sem a presença do pesquisador aplicadas a 50% da turma de quinta série do Ensino Fundamental, identificar se o pressuposto de aperfeiçoamento de competências de leitura e escrita a partir do uso de um objeto de aprendizagem minimiza problemas identificados pelo SAERS–2009.

Os alunos da escola pesquisada estão no nível básico de proficiência nos domínios; estratégias de leitura e processamento de texto, segundo o Boletim de Resultados da Escola. Atingir o nível adequado de proficiência nos domínios; estratégias de leitura e processamento de texto adequado medido pela escala de proficiência³ é a meta da escola.

Dessa forma, na perspectiva de buscar resposta para a questão colocada, foram aplicadas entrevistas ao grupo de alunos, após a utilização do objeto de aprendizagem 'Máquina de Inventar Histórias'. O critério de seleção dos estudantes foi aleatório e ocorreu com uma turma de quinta série do Ensino Fundamental, composta por vinte e sete alunos sendo, 14 meninas e 13 meninos, com idade entre 10 e 12 anos.

DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

A disseminação das tecnologias da informação e da comunicação acentua-se na última década, também, no campo educacional gerando

³ [...] semelhante a uma régua, variando de 0 a 500 pontos [...] Boletim de Resultados da Escola - SAERS. Vol. III. 2009.p.17

mudanças nas maneiras de ensinar e de aprender. Independentemente, do uso mais ou menos intensivo, de tais recursos pelos professores, os avanços tecnológicos são uma realidade que envolve a todos num ritmo acelerado.

Experiências simples como planejar a utilização pedagógica de um vídeo, na sala de aula, a atividades complexas envolvendo mais de um meio tecnológico, direcionadas à educação básica são tema de inúmeras pesquisas acadêmicas ou fazem parte do cotidiano de muitos docentes.

Emerge deste contexto, a ideia de aperfeiçoar a leitura e a escrita, dos alunos do Ensino Fundamental, com apoio de um objeto de aprendizagem virtual. Entretanto, para que o mesmo fosse disponibilizado aos estudantes carece-se de um ambiente virtual de aprendizagem. Segundo Almeida (2002), a noção de “Ambiente Virtual de Aprendizagem” está relacionada a sistemas computacionais, destinados ao suporte de atividades mediadas pelas tecnologias de informação e comunicação. Permitem integrar múltiplas mídias e recursos, apresentam informações de maneira organizada, proporcionam interações entre pessoas e objetos de conhecimento, visando atingir determinados objetivos.

Então, para concretizar o projeto de mesclar atividades presenciais com atividades à distância, opta-se pelo Ambiente Virtual de Aprendizagem *Moodle*, para esta finalidade.

Assim, a implementação do uso da plataforma *Moodle* foi utilizada, inicialmente, com o objetivo de inserir a mídia informática à atividades presenciais, a fim de testar possibilidades de realização de tarefas à distância, com estudantes do Ensino Fundamental e, com isso, melhorar a aprendizagem deles. E, recebeu nome de fantasia “Sala de Aula Virtual”⁴, escolhido por votação, entre os envolvidos, na época de sua instalação.

Posteriormente, com o advento do Boletim de Resultados do SAERS – 2009 à escola pública estadual, suas discussões entre a comunidade escolar, insere-se nas atividades de leitura e escrita, efetivadas na quinta série do Ensino Fundamental, a utilização de um Objeto de Aprendizagem com finalidade pedagógica. O Objeto de Aprendizagem, por ser virtual, foi disponibilizado no ambiente virtual anteriormente descrito.

⁴ Disponível em <<http://www.tuzzintuzzin.comoj.com/moodle/>>

A escolha do Objeto de Aprendizagem denominado “Máquina de Inventar Histórias”, linkado no ambiente Sala de Aula Virtual, aconteceu porque o objeto citado, como pode ser verificado na Figura nº 1, parte dos estudos linguísticos (gramática) para, então, chegar à produção textual, aspecto considerado importante em face de dificuldade que os estudantes apresentam em entender o porquê de estudar gramática na quinta série do Ensino Fundamental.



Figura 1 - Objeto de Aprendizagem Máquina de Inventar Histórias

Após localizar o objeto de aprendizagem representado na figura acima, e localizado no endereço indicado⁵ o usuário lê as explicações de uso. Uma das solicitações da Máquina de Inventar Histórias, por exemplo, é: escreva, de acordo com as instruções, um “Verbo no Pretérito Imperfeito do Indicativo, 3ª pessoa do singular”. Se realizar corretamente esta tarefa, o estudante pode se dar conta da importância de saber “na ponta da língua” os conhecimentos gramaticais trabalhados, isoladamente, na sala de aula, como paradigmas verbais, substantivos, adjetivos. Desta forma, espera-se que também seja percebido o valor dos estudos linguísticos na tessitura de textos, minimamente adequados, bem como, se efetive a rememoração de conteúdos, necessária quando se trata de aprendizagem significativa, realidade que pode se concretizar pela utilização do objeto de aprendizagem “Máquina de Inventar Histórias”.

Possivelmente, o uso deste objeto de aprendizagem fomenta o aperfeiçoamento de competências ligadas aos domínios de estratégias de leitura, além de processamento de texto, uma vez que, a leitura das ordens

⁵ <<http://www.tuzzintuzzin.comoj.com/moodle/>>

expedidas, pelo objeto de aprendizagem, não dispensam o domínio da competência “realização de inferência”, isto é, para escrever adequadamente é necessário ler, entender, concluir, inferir.

Ao recortar o campo de abrangência desta investigação para alcançar os resultados pretendidos, definiram-se os seguintes objetivos específicos:

- identificar se os estudantes, sozinhos, localizam o Objeto de Aprendizagem, a partir do conhecimento do endereço eletrônico;
- verificar o entendimento dos alunos sobre estrutura textual;
- averiguar a presença de leitura e reflexão no uso do OA;
- reconhecer a competência ‘realiza inferência’ na leitura.

PROBLEMATIZAÇÃO

Após a elaboração e impressão dos textos escritos utilizando o Objeto de Aprendizagem Máquina de Inventar Histórias, no laboratório de informática, conforme exemplifica a Figura nº 2, realiza-se, na sala de aula, a leitura da primeira versão das redações.

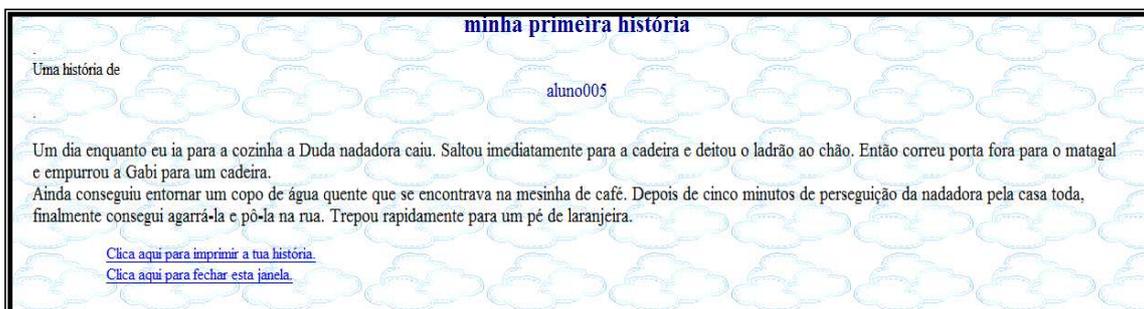


Figura 2- 1ª versão textual do aluno005

A condução desta atividade segue orientação da Cartilha Lições do Rio Grande p.10, onde está especificado que “[...] ler é estabelecer relações com o contexto, com outros textos, posicionar-se diante de textos orais, escritos, visuais ou multimodais”. Assim, os alunos são questionados com a pergunta: *o que faz um texto ser considerado bom ou adequado?* A partir desta questão-problema procede-se a revisão das redações, com auxílio da professora.

Em sequência, solicita-se aos alunos que atentem para as características presentes nos próprios textos, (concordância, significação, variedade vocabular), resultado da ‘alimentação’ da Máquina de Inventar Histórias. Constatar a presença ou ausência de concordância entre os termos, efeito de sentido das palavras equivocado, vocabulário reduzido, suscita a

premência de reflexão antes da utilização do Objeto de Aprendizagem Máquina de Inventar Histórias, fato observado por muitos estudantes.

Dessa forma, o levantamento desses dados e a consequente problematização geraram necessidade de reescrita das redações. E assim foi feito, como pode ser constatado na Figura nº 3, a seguir representada.

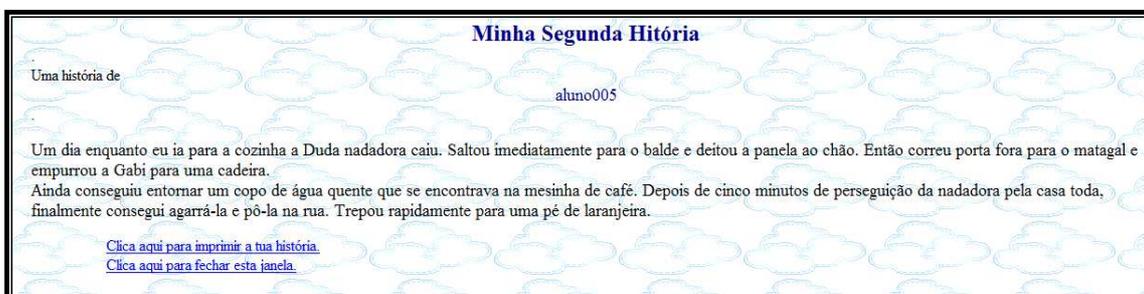


Figura 3 – 2ª versão textual do aluno 005

Nesta segunda versão textual nota-se a articulação do conhecimento prévio com o conhecimento a ser aprendido pela ativação da capacidade metacognitiva do aluno nº 005, ou seja, o objeto de aprendizagem ajudou o aprendiz a lembrar de conhecimentos trabalhados em sala de aula e armazenados na memória própria. Ativou sua capacidade cognitiva, o que, possivelmente, não ocorreria sem estudo dirigido, e como resultado, sua escrita melhorou significativamente.

SISTEMATIZAÇÃO

A partir do conhecimento da questão-problema, implementa-se uma discussão acerca de procedimentos de uso do Objeto de Aprendizagem Máquina de Inventar Histórias, com o objetivo de escrever textos adequados. A sistematização de conceitos semânticos (significado das palavras), morfológicos (estrutura, processo de formação, flexão e classificação das palavras) e sintáticos (relações das palavras e das frases entre si) se fez necessária porque levou os alunos a perceberem que escrita, gramática e leitura estão interligadas, pois as palavras transmitem sentido denotativo (sentido literal) característico, mas devido à sua função sintática particular na sentença, fornecem informações semânticas que contribuem para a compreensão da estrutura significativa, no caso, o texto. Ausubel (2003)

defende que devemos conhecer as funções sintáticas de uma palavra antes de aprendermos o seu significado denotativo ou conotativo (sentido secundário).

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Após a conclusão da unidade de trabalho envolvendo o uso do objeto de aprendizagem Máquina de Inventar Histórias, para aperfeiçoar competências ligadas à leitura e escrita, aplica-se o instrumento de coleta de dados – questionário – aos alunos. Este, composto de dez perguntas abertas sobre as atividades realizadas em sala de aula e no laboratório de informática da escola onde a pesquisa foi realizada. O objetivo deste procedimento refere-se à colheita de elementos para descrever a investigação.

A análise das duas primeiras perguntas que compõem o questionário, aplicado a cinquenta por cento da turma de alunos da quinta série do Ensino Fundamental, revela que a maioria dos discentes possui conhecimento relacionado à navegação na internet, localização de sítios eletrônicos bem como utilização do Objeto de Aprendizagem Máquina de Inventar Histórias, condição essencial para realização de atividades pedagógicas que envolvem recursos denominados Objetos de Aprendizagem Virtuais. A Figura nº 4 revela estes dados em forma de gráfico.

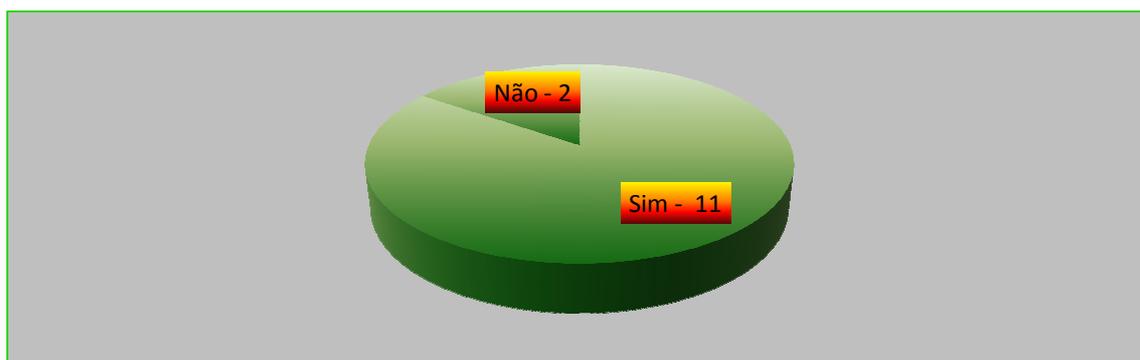


Figura 4 - Gráfico sobre a facilidade de localização do Objeto de Aprendizagem Máquina de Inventar Histórias

Assim, de acordo com a figura acima, oitenta e cinco por cento do grupo de alunos pesquisados, localiza *sites* na internet com facilidade. Este percentual foi alcançado devido ao trabalho desenvolvido, com estes estudantes, durante sua trajetória nesta série. Quinzenalmente o grupo é

conduzido ao laboratório de informática da escola, durante as aulas de Língua Portuguesa, para realização de atividades utilizando a mídia informática.

A interrogação nº 4, do instrumento de coleta de dados, solicitava que os alunos explicassem o que, no entendimento deles, era um 'bom texto'. Formulou-se esta questão no intuito de promover a reflexão dos estudantes sobre a própria escrita, “[...] a partir das medidas de correção que foram capazes de assimilar de possíveis erros e acertos anteriores [...]”⁶. E, também, entendendo o texto escolar na mesma perspectiva de Guedes (1997) como sendo um

Conjunto de palavras organizadas em frases dispostas em forma de texto com o desígnio de reproduzir um padrão de linguagem, um modelo consagrado de disposição das partes em que se deve dividir a exposição e um conjunto de idéias, considerados – esse padrão, esse modelo e esse conjunto – por quem produziu tal redação como os únicos aceitáveis pela escola ou de expressar, de forma vaga, genérica e monológica, sentimentos, sensações, opiniões sem a intenção de propor um diálogo a qualquer leitor e sem a atenção a alguma eventual leitura. Guedes (1997, p. 24).

Ao organizar e investigar as respostas dadas a esta pergunta, concluiu-se que aproximadamente oitenta por cento dos alunos acredita que o texto esteja bom, ao apresentar introdução, desenvolvimento e conclusão, isto é, estiver estruturalmente organizado.

As diferentes respostas dadas a esta questão estão sistematizadas na Figura 5, abaixo visualizado.

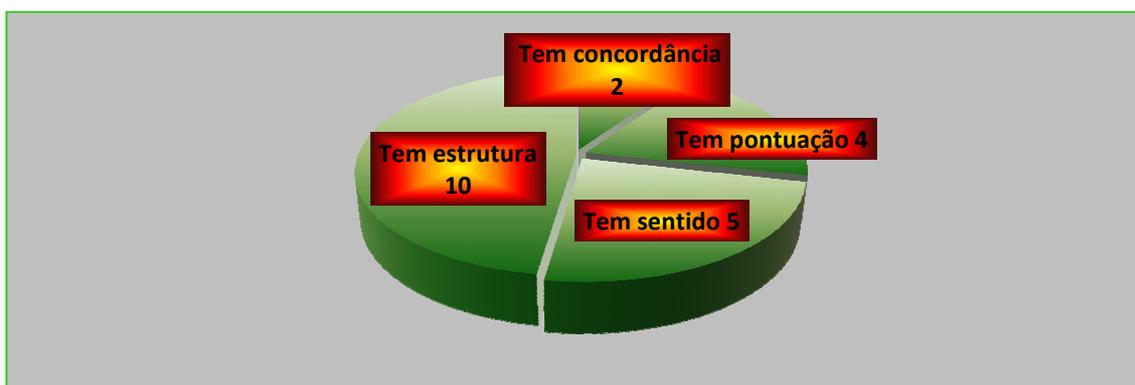


Figura 5 – Gráfico representativo sobre o entendimento da expressão “texto bom”.

Ainda é possível afirmar, ao observar o gráfico número cinco, que o conteúdo de um texto é item fundamental, para aproximadamente, quarenta

⁶ Lições do Rio Grande p. 62.

por cento do grupo pesquisado. O emprego dos sinais de pontuação é relevante para trinta por cento deles, e a presença de concordância nominal e verbal é preocupação de, somente, quinze por cento dos alunos.

Refletir, deduzir concluir é sinônimo do verbo inferir, segundo o dicionário. O Boletim de Resultados da Escola em Língua Portuguesa – 2009 destaca a competência ‘realiza inferência’ como aquela desenvolvida até o nível baixo, medido pela Escala de Proficiência. Esta informação remete para a dificuldade que os alunos, que compõem turmas numerosas, enfrentam com relação à prática reflexiva, em sala de aula.

O objetivo da escola, entretanto, é avançar no desenvolvimento de competências, principalmente melhorar a competência ‘realiza inferência’ a fim de atingir o nível adequado medido pela Escala de Proficiência em Língua Portuguesa.

A pergunta nº 8 do questionário, empregado para coleta de informações, aborda esta temática. As respostas estão representadas graficamente conforme a Figura nº 6.

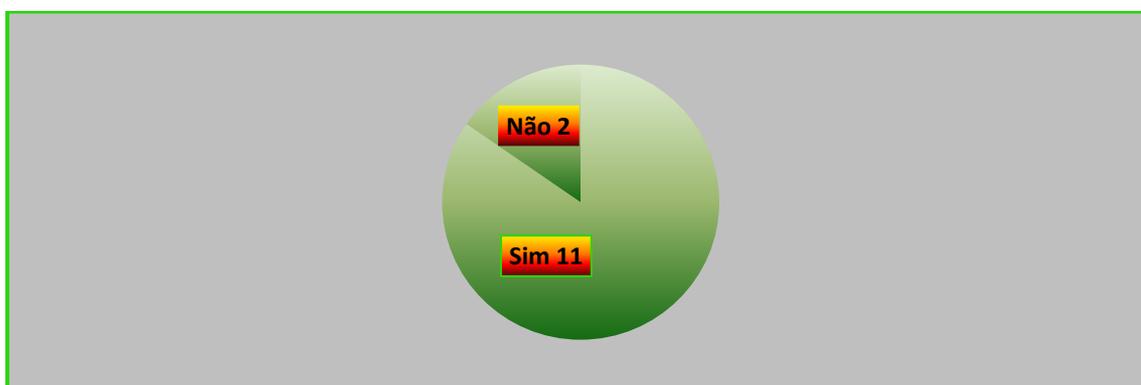


Figura 6 - Gráfico sobre a noção de inferência que o grupo pesquisado demonstra

A imediata percepção em exercitar a reflexão registrada por quinze por cento do grupo se sobrepõe aos oitenta e cinco por cento deles, que pensa, ao produzir textos utilizando o objeto de aprendizagem Máquina de Inventar Histórias (Fig.6). Este dado é relevante se for considerada a quantidade grande de estudantes que compõe as turmas de Ensino Fundamental das escolas públicas estaduais e a sobrecarga de trabalho dos professores.

Desta forma, alunos que realizam tarefas sofisticadas como inferir o sentido de uma expressão metafórica ou efeito de sentido de uma

onomatopéia, ou precisam concluir sobre o efeito de sentido produzido pelo uso de uma palavra em sentido conotativo, uso de notações gráficas e, ainda, reconhecem o efeito de sentido produzido pelo uso de determinadas expressões em textos pouco familiares com vocabulário complexo, demonstram estar desenvolvendo a competência “realiza inferência” citada pela Escala de Proficiência de Língua Portuguesa.

CONSIDERAÇÕES SOBRE ESTA PESQUISA

O objetivo que norteou o trabalho foi aperfeiçoar competências que minimizem problemas expostos no Boletim de Resultados da Escola – SAERS – 2009, na quinta série do Ensino Fundamental, em Língua Portuguesa através do uso de um Objeto de aprendizagem sendo que o cenário deste trabalho foi uma escola pública de educação básica e a tarefa de pesquisa, um processo.

As questões que orientaram a pesquisa foram: identificar se os estudantes, sozinhos, localizavam o Objeto de Aprendizagem, a partir do conhecimento do endereço eletrônico; verificar o entendimento dos alunos sobre estrutura textual; averiguar a presença de leitura e reflexão para uso do OA; reconhecer a competência ‘realiza inferência’ na leitura e escrita.

Os discentes investigados durante demonstraram, de forma discreta, o desenvolvimento da competência ‘realiza inferência’ pelo uso do Objeto de Aprendizagem Máquina de Inventar Histórias. Esta afirmação tem como fundamento a análise das respostas dadas às perguntas que compunham o instrumento de coleta de dados – questionário – e, relatadas na seção, apresentação de resultados. Ressalve-se que os dados são limitados porque a investigação se encontra numa fase embrionária.

Finalmente, acredita-se que ao utilizar, reflexivamente, objetos de aprendizagem no ensino da leitura e da escrita desenvolve-se competências que poderão ser constatadas na edição da avaliação externa SAERS 2010. E, também, trilhando as veredas do ensino produtivo (HALLIDAY, MCINTOSH, STREVENS 1964)⁷ que objetiva trabalhar novas habilidades lingüísticas ajudando o estudante a entender o uso de sua língua materna de maneira eficiente sem alterar padrões que o aluno já adquiriu, mas aumentando os

⁷Disponível em: <<http://www2.dbd.puc-rio.br/>> acesso: 29 set 2010.

recursos que possui e fazendo isso de modo tal que o mesmo tenha a seu dispor, para uso adequado, a maior escala possível de potencialidades de sua língua, em todas as diversas situações em que tem necessidade delas.

REFERÊNCIAS

AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM. Disponível em:
<<http://www.ufsm.br/ead/>> Acesso: quatro jul. 2010.

AUSUBEL, David. Aquisição e Retenção de Conhecimentos: uma Perspectiva Cognitiva. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2003.

BAKHTIN, M. Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1997.

BRASIL. Plano Nacional de Educação. Congresso Nacional: 2001.

_____. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** São Paulo: SE/CENP, 2006.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília: A Secretaria, 2001.

Cartola: Objeto de Aprendizagem Voltado à Escrita Escolar na Indissocialidade entre Produção de Sentidos e Construção do Conhecimento. Disponível em:
<<http://www.lume.ufrgs.br/>> Acesso: 16 Set. 2010.

COELHO, Maria Inês de Matos. Vinte anos de avaliação da educação básica no Brasil: aprendizagens e desafios. Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação. Rio de Janeiro, v.16, n 59, p. 229-258, abr/jun. 2008.

CORACINI, M. J. R. F. (org.). O jogo discursivo na aula de leitura: língua materna e língua estrangeira. Campinas, SP: Pontes, 1995.

Desenvolvimento de Objetos de Aprendizagem nas Áreas de Língua Portuguesa e Matemática. Disponível em:
<www.cinted.ufrgs.br/ciclo9/artigos/4dCarmen.pdf> Acesso: 16 Set. 2010.

GUEDES, Paulo Coimbra. Ensinar Português é Ensinar a Escrever Literatura Brasileira. Porto Alegre, Tese Doutorado em Letras, Instituto de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1994.

HOUAISS, Antônio & Mauro de Salles VILLAR. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001

KLEIMAN Ângela. Oficina de leitura. São Paulo: Editoras Pontes, 2004

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 2001.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 2003.

Mobile Learning na Sala de Aula Presencial: Repositório Semântico de Objetos de Aprendizagem para Dispositivos Móveis. Disponível em: <http://www.cinted.ufrgs.br/renote/dez2009/artigos/2b_fabioteixeira.pdf> Acesso: 16 Set. 2010.

MONTEIRO, B. S., CRUZ, H. P., ANDRADE, M., GOUVEIA, T., TAVARES, R., ANJOS, L. F.C. Metodologia de desenvolvimento de objetos de aprendizagem com foco na aprendizagem significativa, XVII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação. Brasília: 2006. Disponível em: <<http://www.univale.br/>> Acesso 27 Set. 2010.

O Jogo Educacional como Recurso Digital e a Aprendizagem Significativa de Gramática - versão final. Disponível em: <<http://www.br-ie.org/pub/index.php/sbie/article/viewFile/738/724>> Acesso: 16 Set. 2010.

O Uso de Objetos de Aprendizagem Virtuais na Educação Básica: Subsídios para Inovação na Escola Pública. Disponível em: <http://aveb.univap.br/opencms/opencms/sites/ve2007neo/pt-BR/imagens/27-06-07/Cognitivas/trabalho_122_wagner_a_anais.pdf> Acesso: 16 Set. 2010.

PENIN, Sônia & MARTÍNEZ, Miguel. Profissão docente: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2009.

PIVEC, M; TRUMMER, C; PRIPEL, J; EYE; TRACKING. *Adaptable e Learning and Content Authoring Support. Departamento f Information Design. University of Applied Sciences FH JOANNEUM.* Graz, Austria, 2005. Disponível em: <http://www.google.com.br/webhp?hl=pt-BR#hl=pt-BR&source=hp&biw=1138&bih=737&q=pivec+objetos+de+aprendizagem&aq=f&aqi=&aql=&oq=&gs_rfai=&fp=b5795d582281b2b0> Acesso: 27 Set. 2010.

Rio Grande do Sul. Referencial Curricular “Lições do Rio Grande”. Vol. I, 2009.

_____, Secretaria de Educação do Estado de. **SAERS: Boletim de Resultados.** Juiz de Fora: CAED, 2009.

RUIZ, João Álvaro. Metodologia científica. Guia para eficiência nos estudos. São Paulo: Atlas, 1985.

WILEY, D. A. Connecting learning objects to instructional design theory: A definition, a metaphor, and a taxonomy. 2000. Disponível em: <<http://reusability.org/read/>> Acesso 27 set 2010.